

Psicologia da Educação: Cartografando Aspectos Históricos e Influências na Educação

Psychology of Education: Charting the Historical Aspects and Influences on Education

FRANCILENE JANE RODRIGUES PEREIRA¹
ALINE DE ALCÂNTARA CORREIA²
CESAR CAVALCANTI DA SILVA³

RESUMO

As indagações que oportunizam a composição do texto presente revisitam a psicologia da educação abordando personagens inerentes à construção das bases para aprendizagem. Como exercício investigativo aventou-se conteúdos elucidados na disciplina de Psicologia da Educação durante formação na Licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba, apresentados neste artigo. A priori, *Revisitando a Psicologia da Educação* será discutida a origem, princípio filosófico e história desta ciência à luz de Foucault. Continuando, na seção *A Psicologia da Aprendizagem* será conceituada a aprendizagem, apontado a raiz histórica, influência filosófica, concepções teóricas e psicológicas para a educação. No terceiro momento *Discutindo a Adolescência* caracteriza a adolescência segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), além de particularidades anatômicas e limitações da adolescência. Por fim, intitulado *Educação Libertária* é apresentado de maneira sucinta o surgimento, contexto histórico quanto ao tema além da influência do sistema capitalista na educação.

DESCRIPTORIOS

Aprendizagem. Educação. Adolescência.

SUMMARY

The questions that nurture the composition of the present text revisit the psychology of education addressing the inherent characters to build foundations for learning. As an investigative exercise, it was ventured the content elucidated in the discipline of Psychology of Education during graduation at Federal University of Paraíba, which is presented in this article. Firstly, *Revisiting the Psychology of Education* will discuss the origin, history and philosophical principle of this science in the light of Foucault. Then, in the section *Psychology of Learning* will be conceptualized learning, pointing out the historical roots, philosophical influence, and psychological theoretical concepts for education. In the third section, *Discussing Adolescence* characterizes adolescence according to World Health Organization (WHO) and Statute of the Child and Adolescent, in addition to anatomical features and limitations of adolescence. Finally, entitling *Libertarian Education* is succinctly presented the appearance, historical background on the subject beyond the influence of the capitalist system in education.

DESCRIPTORS

Learning. Education. Adolescent.

- 1 Mestranda em Modelos de Decisão e Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação e Licenciatura Plena em Enfermagem. Especialista em Modalidade de Residência Multiprofissional. Pós-Graduação *latu sensu* em Enfermagem do Trabalho. João Pessoa/PB, Brasil.
- 2 Mestranda em Modelos de Decisão e Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Graduação e Licenciatura Plena em Enfermagem. João Pessoa/PB, Brasil.
- 3 Doutorado em Enfermagem. Professor associado da Universidade Federal da Paraíba. Docente do Programa de Pós-Graduação em Modelos de Decisão e Saúde. João Pessoa/PB, Brasil.

O grande intercâmbio existente entre as diversas áreas do conhecimento não se apresenta como característica única do mundo informatizado e globalizado que partilhamos no século XXI. Essa fusão de saberes era vivenciada desde séculos anteriores, a exemplo da psicologia da educação, onde educação e ensino articulavam-se com os conhecimentos psicológicos e ainda, com grandes sistemas de pensamento e teorias filosóficas. O texto que se apresenta revisita a psicologia da educação, abordando personagens inerentes à construção dos alicerces da aprendizagem.

REVISITANDO A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

A psicologia da educação surge no amparo dos primeiros passos da psicologia científica e como resultado das expectativas depositadas a partir do mundo da educação. A psicologia, então, recém-separada da filosofia era a disciplina para a qual se direcionavam todos os olhares e sobre ela, grandes expectativas eram geradas como fonte de informações e de idéias para elaborar uma teoria educativa de base científica que permitisse melhorar o ensino e abordar os problemas apresentados para a escolarização. Psicologia da educação é definida como a parte da psicologia que estuda os processos de mudança que ocorrem nas pessoas por influência de sua participação em atividades educativas (SALVADOR, ALEMANY, MARTI *et al.*, 2000).

Foucault buscou traçar uma arqueologia da psicologia, remetendo-se ao nascimento das práticas psicológicas que se originaram nos assépticos laboratórios de Wundt e James, e nas relações de poder que tinham lugar nos manicômios e prisões, organizações totais, de visibilidade e vigilância sobre as condutas dos sujeitos confinados, excluídos da sociabilidade “normal”. Foucault considerava que em seu nascimento, o conhecimento psicológico encontrava-se preso aos imperativos objetivistas da ciência clássica positivista, vindo a se firmar ao longo do século XX como “psicologia do normal e do adaptativo”, construindo uma tradição de familiaridade com práticas de normalização social, ou seja, emergia esta figura de saber caracterizada como “Psicologia: disciplina da norma”. Foucault traçou a história do nascimento da psicologia como disciplina do saber, centrando foco na disciplinarização da psicologia como ciência, sua transformação em saber disciplinado e sujeição à forma (PRADO FILHO, TRISOTTO, 2007).

Desta perspectiva, a psicologia surgiu presa aos imperativos epistemológicos positivistas, como saber de fronteira, sem território próprio, formando-se nos interstícios das ciências humanas, tomando métodos

emprestados de outras ciências (PRADO FILHO, TRISOTTO, 2007). É no método experimental que a psicologia encontra um meio de separar-se da filosofia e transformar-se em uma disciplina científica autônoma.

Em suas produções, FOUCAULT (1979), trilhou pelos mais diversos assuntos, dentre eles a epistemologia das ciências humanas, diretamente relacionadas a um dos seus temas de maior repercussão: o estudo do poder nas diferentes sociedades, que apesar de não caracterizar-se como uma teoria geral pode ser aplicada a todas as relações de poder. Até o século XVI, as relações de poder eram ditadas pelas sociedades soberanas, que “o modo como o poder era exercido podia ser transcrito, nos termos da relação soberano-súdito”. Nos séculos XVII e XVIII ocorreu a invenção de uma nova mecânica de poder, com procedimentos específicos, instrumentos totalmente novos e aparelhos bastante diferentes como um mecanismo que permitiu extrair dos corpos, tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. Este poder alheio à forma da soberania era o poder disciplinar (FOUCAULT, 1979).

Foucault em seus estudos sobre a disciplina na sociedade moderna analisou os processos disciplinares empregados nas prisões, considerando-os exemplos da imposição, às pessoas, e padrões “normais” de conduta estabelecida pelas ciências sociais. As disciplinas veicularam um discurso que era o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural”, da norma, referia-se a um horizonte teórico que não podia ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas, de um saber mais clínico (FOUCAULT, 1979).

O nascimento das ciências humanas ocorreu no momento cultural em que o homem surgiu no plano do pensamento. É importante pontuar que essa afirmação não significa que o estudo do homem seja privilégio das ciências humanas. Ter o homem como objeto não as distingue dos demais saberes, mas sim a maneira como elas tematizam o homem. De fato, para constituir as ciências humanas, não basta analisar as características constituintes no homem no âmbito da vida, da linguagem ou da economia, deve-se estudá-lo em termos das representações feitas pelo homem e sobre as quais ele vive, fala e trabalha (GERALDINI, 2007).

As ciências humanas passam, a partir de então, a ocupar posição de centralidade, porém como afirma FOUCAULT, (1979, p 189-190), não se deu em função do “progresso da racionalidade das ciências exatas” e sim pela “[...] justaposição, o confronto de duas linhas, de dois mecanismos, de dois tipos de discurso absolutamente heterogêneos: de um lado, a organização do direito

em torno da soberania, e de outro, o mecanismo das coerções exercidas pelas disciplinas”.

O homem surgiu como objeto de estudo da humanidade, na biologia, na economia política e na filologia como invenção recente desses saberes, não estando mais no final de um quadro bem ordenado como o modelo último e perfeito. Ele agora era dado à experiência, e era pensado como um objeto a ser descoberto e desvendado, como um objeto que tem um corpo físico com estrutura e funcionamento que devem ser explorados (GERALDINI, 2007).

A PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM

O conceito de aprendizagem possui vários significados entre os teóricos da área, variando entre condicionamento, mudança de comportamento, aquisição de informação, aumento de conhecimento, resolução de problemas, construção de novos significados, revisão de modelos mentais etc. Para entender os pontos centrais da natureza da aprendizagem é necessário reporta-se ao seu desenvolvimento histórico, filosófico e psicológico.

Interconectando aprendizagem e educação, é notório o fato de que a Educação escolar no intuito de propiciar o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, lança mão da Psicologia da aprendizagem como subsídio em suas práticas educativas. Porém, como ensino e educação reservam especificidades, nem todas as teorias da aprendizagem podem ser empregadas em situações escolares (LIMA JÚNIOR, 2009).

As raízes históricas da aprendizagem nos reportam a Antiguidade Ocidental Clássica, tendo como principais elaboradores dessas concepções Sócrates, Platão e Aristóteles. Na Idade Média, a temática é referenciada por meio de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino e adquire fundamentação teológica na formação cristã da época. No Renascimento influenciado pela filosofia humanista, evidencia-se a valorização das potencialidades humanas, destacando-se a figura do espanhol Juan Luís Vives antecessor de Locke. Na Idade Moderna, destacam-se alguns filósofos britânicos como Comênio, Locke e Hobbes. Locke exerceu profunda influência no século XVIII e XIX. O século XIX é marcado pelo advento formal da Psicologia como ciência e nessa época, as afirmações de Locke de que aprendizagem e memória estão vinculadas à associação de idéias, é marcante como uma das primeiras construções teóricas da Psicologia Educacional (LIMA JÚNIOR, 2009).

As concepções teóricas foram construídas a partir do advento da psicologia científica por meio de seus estudos experimentais. Essas teorias da aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender (processo ensino-aprendizagem), partindo do reconhecimento da função cognitiva do homem e tentam explicar a relação entre o conhecimento pré-existente e o novo conhecimento. Os três principais enfoques teóricos são Behaviorismo, Cognitivismo e Construtivismo (AFONSO, 2009).

O Behaviorismo (Associacionismo/Comportamentalismo) é centrado nos comportamentos objetivamente observáveis, negligenciando as atividades mentais, definindo a aprendizagem simplesmente como a aquisição de um novo comportamento. Tem como princípios o condicionamento clássico (que engloba o reflexo natural de resposta a um estímulo) e o condicionamento instrumental ou operante (que envolve o reforço da resposta ao estímulo num simples sistema de feedback) (AFONSO, 2009).

O Cognitivismo aborda o estudo da mente e da inteligência em termos de representações mentais e dos “processos centrais” do sujeito, ambos dificilmente observáveis. Nesta teoria, o conhecimento consiste em integrar e processar as informações e, portanto, opõem-se à aprendizagem behaviorista. Piaget define desenvolvimento da inteligência como um processo contínuo e gradativo (AFONSO, 2009).

O construtivismo é centrado na origem social da inteligência e no estudo dos processos sócio-cognitivos de seu desenvolvimento. Os trabalhos sobre esses processos se fundamentam na teoria do psicólogo Lev Vygotsky e são relativos aos processos físicos superiores, que são construídos ao longo da história social do homem. Três princípios fundamentais interdependentes que dão suporte à teoria são a relação entre a educação, a aprendizagem e ao desenvolvimento; a função da mediação social nas relações entre o indivíduo e o seu meio (mediação por ferramenta) e a atividade psíquica (AFONSO, 2009).

Diante dessas relações que envolvem o constructo social e psíquico do ser humano, entendemos a adolescência como a fase de maiores conflitos íntimos e coletivos que influenciam diretamente no desenvolvimento do indivíduo e conseqüentemente, resultam em sequelas diretas na aprendizagem e na educação. Destarte, esse período intermediário, prévio na formação do adulto, exerce papel de extrema importância na psicologia da educação e merece atenção nesta cartografia.

DISCUTINDO A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma etapa de crescimento e desenvolvimento do ser humano, marcada por grandes transformações físicas, psíquicas e sociais. Mais precisamente, entende-se adolescência como o período de desenvolvimento situado entre a infância e a idade adulta, delimitado cronologicamente pela Organização Mundial da Saúde como a faixa dos 10 aos 19 anos de idade, esta também adotada no Brasil, pelo Ministério da Saúde. A lei brasileira, através do Estatuto da Criança e do Adolescente, considera adolescente o indivíduo de 12 a 18 anos (REATO, SILVA, RANÑA, 2006).

O conceito de adolescência é uma construção social diferente das intensas transformações biológicas que caracterizam essa fase da vida, que são universais. Participam também da construção desses conceitos elementos culturais que variam ao longo do tempo, de uma sociedade a outra e, dentro de uma mesma sociedade, de um grupo a outro (BRASIL, 2002). E de maneira tal, a adolescência que conhecemos hoje, século XXI, no ocidente é até certo ponto, um produto do século XX, pelo arcabouço cultural construído por tais sociedades (COLL, MARCHES, PALACHOS, 2004).

A agitação que marca as radicais transformações físicas e psicológicas que os adolescentes experimentam, aliada ao signo da transitoriedade alongada que as sociedades modernas atribuem a essa fase, criam um ambiente ideológico no qual facilmente se associa a adolescência a aspectos negativos relacionados à crise, à transgressão e ao risco. Num contexto marcado por grandes desigualdades sociais e pela pobreza, onde a violência alastra-se assustadoramente, a adolescência e a juventude podem passar a ser vistas como uma ameaça frente a qual é preciso reagir (BRASIL, 2002).

Puberdade e adolescência possuem conceitos difetentes. A puberdade engloba o conjunto de modiuações biológicas que transformam o corpo infantil em adulto, constituindo-se em um dos elementos da adolescência. A puberdade é constituída pelos seguintes componentes: crescimento físico; maturação sexual; desenvolvimento dos órgãos reprodutores e aparecimento dos caracteres sexuais secundários; mudanças na composição corporal; desenvolvimento dos aparelhos respiratório, cardiovascular e outros. A puberdade é um parâmetro universal e ocorre de maneira semelhante em todos os indivíduos. A adolescência abrange, além da puberdade, os componentes psicológicos e sociais característicos dessa fase da vida.

Está sujeita a influências sociais e culturais e portanto, é um período difícil, pois muitas expectativas que são depositadas nessa etapa como o corpo adulto, a capacidade reprodutiva, a identidade sexual, a responsabilidade, a independência, a maturidade emocional, a escolha profissional, entre outros (REATO, SILVA, RANÑA, 2006, COLL, MARCHES, PALACHOS, 2004).

Além das modiuações físicas e cognitivas, a busca da identidade adulta e independência são os principais objetivos e para vivenciar todas essas mudanças, o adolescente passa por momentos de experimentação e perdas, de modo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e do mundo. Durante esse rito de passagem, o jovem vivencia três grandes perdas: luto pela perda do corpo infantil, luto pela perda da identidade infantil e o luto pela perda dos pais da infância (HERCOWITZ, 2006, BECKER, 1986).

Para elaborar essas perdas, o jovem apresenta uma série de manifestações emocionais e alterações comportamentais que, se encontradas nesta fase da vida, podem ser consideradas normais, fazendo parte do processo de crescimento físico e psíquico. Estas características são chamadas por alguns autores como Síndrome da Adolescência Normal, podendo cada uma delas estar ou não presente em cada adolescente, com maior ou menor intensidade e aspectos individuais, de acordo com o contexto sócio-cultural de cada um (HERCOWITZ, 2006). Fazem parte da Síndrome da Adolescência Normal a busca de si mesmo e da identidade, a separação progressiva dos pais, a tendência grupal, a necessidade de intelectualizar e fantasiar, as crises religiosas, a distorção temporal, as contradições sucessivas na manifestação de conduta, a atitude social reivindicatória, as constantes flutuações de humor, a evolução sexual, entre outros (HERCOWITZ, 2006).

A adolescência consiste, portanto, num intervalo vivido pelo ser humano, onde ocorrem todas as alterações necessárias para transformar a criança em adulto. É uma fase turbulenta, marcada por mudanças biopsicossociais que, se não compreendida, passa a ser rotulada de problemática. Aqueles que pretendem lidar com adolescentes devem fazê-lo sem preconceitos, acolhendo esses jovens e apoiando-os neste período da vida, que muitas vezes os assusta. A agressividade e a relutância mostradas inicialmente nada mais são que máscaras escondendo a insegurança diante de tantas mudanças, que acontecem sem autorização de ninguém, sem que se possa voltar atrás (HERCOWITZ, 2006).

Por fim oportunizamos a conceituação simplificada de um estilo de educação pautado nos ideais da integralidade defendida por alguns pensadores da pedagogia socialista que defendiam e contribuíram para o surgimento da educação libertária.

EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

A idéia libertária manifestou-se sob várias formas no passado, da antiguidade aos movimentos religiosos e messiânicos, no presente se manifesta nas experiências autogestionárias da América Latina, no movimento ecológico, feminista e pacifista, não sendo propriedade de nenhum grupo. Mas ninguém foi tão longe como os anarquistas na tentativa de modelar um projeto social libertário. O movimento educacional desenvolvido pelos anarquistas brasileiros no início do século, espelhava-se no movimento educacional que, nesta mesma época, desenvolvia-se noutros países, em particular na Espanha, sistematizava as bases da educação anarquista em sua Escola Moderna. Os novos métodos de ensino propostos e implantados pela Escola Moderna, tendo por base o respeito à liberdade, à individualidade, à expressão da criança. Princípios como coeducação dos sexos e de classes sociais, ensino racional e integral apontavam para uma educação livre de dogmas, de preconceitos cuja essência era o respeito à liberdade (KASSICK, KASSICK, 2004). A inexistência das relações educando-educador, da autogestão da educação, do saber não disciplinar e da educação integral correspondem a algumas das características da Educação Libertária.

O sistema capitalista no qual estamos inseridos introjeta no indivíduo através da família, da escola, da mídia e das demais instituições sociais, desde o seu

nascimento, a ideologia de segurança e autoridade. E esta ideologia, comprada por meio do voto democrático, sustenta as amarras das mais diferentes formas do capitalismo. A educação libertária, portanto, se propõe a desconstruir tal ideologia, ou seja, ir de encontro a esse aparelho ideológico que se destina a difundir idéias dominantes e preparar os indivíduos para viverem numa sociedade de exploração. E neste contexto, a escola surge a serviço desta sociedade, construindo indivíduos reprodutores do sistema vigente. Portanto, a pedagogia libertária tem como objetivo despertar em cada indivíduo a criatividade e permitir o desenvolvimento livre e autonomo de suas potencialidades, podendo ser identificada como *pedagogia do risco* (GALLO, 1997).

FREIRE, (1999), afirma que a busca de segurança pelas pessoas, ou seja, a *pedagogia da segurança*, é a principal responsável pela instauração do poder e do autoritarismo. Segundo o autor, o ato de ensinar exerce frequentemente o autoritarismo, impõe a vontade de uma pessoa sobre a outra e ao mesmo tempo restringe sua espontaneidade. Contraditoriamente, o ato de ensinar é, simultaneamente, enriquecedor e repressor.

CONCLUSÃO

A psicologia da educação como área de conhecimento de competências teóricas e práticas bem como disciplina na formação de docentes necessita ser revisitada em suas concepções históricas como premissa para compreensão de suas diversas interfaces para a promoção da aprendizagem com foco na educação emancipadora e transformadora de ideais nas diferentes fases de desenvolvimento do ser humano.

REFERÊNCIAS

1. AFONSO AS. Teorias de aprendizagem: uma contribuição metodológica ao ensino da dança de salão. 2009. 8p. Available in: <http://www.dancadesalao.com/agenda/TeoriasAprendizagemContribuicaoMetodologicaEnsinoDanca.pdf>. Access in: 20 de setembro de 2011.
2. BECKER D. O que é adolescência. 2.ed., São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 1986. 104p.
3. BRASIL. Adolescência, Escolaridade, Profissionalização e Renda: Propostas de políticas públicas para adolescentes de baixa escolaridade e baixa renda. In: Seminário Nacional pela Cidadania dos Adolescentes, 17 e 18 de setembro de 2002, Brasília, CG Graphics Comunicação Visual, 2002, 34p.
4. COOL C, MARCHES A, PALACHOS J (orgs). Desenvolvimento psicológico e educação. 2.ed. Porto Alegre: Artmed. 2004. 470p.
5. FOUCAULT M. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295p.
6. FREIRE R. Amor de jardineiro, não de botânico. In: Educação libertária. 1.ed, Salvador-BA: Núcleo de Ação Direta Anarquista. 1999. 135p.
7. GALLO S. Educação libertária: da segurança ao risco. *Libertárias*, 1(1):43-46, 1997.
8. GERALDINI JR. As ciências humanas na arqueologia de Michel Foucault. *Revista de Ciências Humanas*. 41(1-2):123-139, 2007.

9. HERCOWITZA. Desenvolvimento Psicológico. In: Manual de atenção à saúde do adolescente. Seção III: Atenção Integral da Saúde. Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde-CODEPPS. São Paulo: SMS, 2006. p107-108.
10. KASSICK NB, KASSICK CN. A Contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira. In: SOARES D. Anarquismo e pedagogia libertária. 2004. 44p. Available in: http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/anarquismo_e_pedagogia_libertaria.pdf. Access in: 20 de setembro de 2011.
11. LIMA JÚNIOR LP. Fundamentos psicológicos da educação. In: PEREIRA ML.(org). Ciências naturais. 1.ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2009. 387p.
12. PRADO FILHO K, TRISOTTO S. A Psicologia como disciplina da norma nos escritos de M. Foucault. *Revista aulas.* 1(3):1-14, 2006/2007.
13. REATO LFN, SILVA LN, RANÑA FF. Introdução. In: Manual de atenção à saúde do adolescente./ Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde-CODEPPS. São Paulo: SMS, 2006, 302p.
14. SALVADOR CC, ALEMANY IG, MARTI E, MAJÓS TM, MESTRES MM, GONI JO, GALLART IS, GIMÉNEZ EV. *Psicologia do ensino.* 1.ed, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 408p.

Correspondência

Francilene Jane Rodrigues Pereira
R. Harkerez Henriques de Miranda Loureiro, 171
Residencial Napoli, apt 102, Geisel
João Pessoa – Paraíba – Brasil
58.077-026
E-mail: janeufpb@hotmail.com